



QUEM SÃO OS SUJEITOS? QUAIS SÃO AS PEDAGOGIAS? UMA REFLEXÃO ACERCA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO CURRICULAR NA EJA

Patricia Lucia Vosgrau de Freitas¹

Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG e-mail: p.freitas18@yahoo.com

Perla Cristiane Enviy²

Universidade Estadual do Centro e-mail: perlaenviy@yahoo.com.br

Resumo: O objetivo deste estudo é o de analisar como o Estágio Supervisionado Curricular na Educação de Jovens e Adultos (EJA), sendo um componente curricular obrigatório no Curso de Pedagogia exposto pela DCNP 2006. Para tal optou-se em relacionar as práticas vivenciadas em um determinado curso de Pedagogia de uma faculdade privada do município de Ponta Grossa/ PR a partir de alguns recortes das discussões realizadas por Miguel Arroyo em seu livro *Outros Sujeitos, Outras Pedagogias*. Para o estudo foram analisadas as ementas das disciplinas de Educação de Jovens e Adultos e a de Estágio Curricular Supervisionado na Educação de Jovens e Adultos e o Regulamento do Estágio Curricular Supervisionado obrigatório deste Curso de Pedagogia. Ainda, foram distribuídos entre os 47 acadêmicos que cursaram o Estágio Curricular Supervisionado na EJA, no segundo semestre de 2017, o objetivo de contribuir para as discussões acerca da formação inicial dos professores. Ficou evidente a oportunidade de diálogo entre os aspectos que constituem esta modalidade de ensino, como reflexo temos fortalecimento da formação inicial dos futuros professores/pedagogos, mesmo que este processo de caracterize tênue, ele já iniciou e nos permite algumas considerações. O sujeito acadêmico, precisa vivenciar outras Pedagogias, para que possa depois de egresso efetivar uma nossa praxiologia na construção dos seus saberes profissionais e contribuir com este mesmo movimento com seus alunos.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Estágio Curricular Supervisionado; Curso de Pedagogia; Formação de professores;

1 Introdução

A formação inicial do professor para trabalhar com os anos iniciais da Educação Básica em nosso país, está centrada no Curso de Licenciatura Pedagogia. As Diretrizes Curriculares do Curso expostas na RESOLUÇÃO CNE/CP N° 1, DE 15 DE MAIO DE 2006, preveem em seu ART 6º, inciso I, a aplicação, em práticas educativas, de conhecimentos de processos de desenvolvimento de crianças, adolescentes, jovens e adultos, nas dimensões física, cognitiva, afetiva, estética, cultural, lúdica, artística, ética e biossocial; bem como, em seu ART 8º, inciso IV, que o estágio curricular a ser realizado, ao longo do curso, de modo a assegurar aos graduandos experiência de exercício profissional, em ambientes escolares e não-escolares que ampliem e fortaleçam atitudes éticas, conhecimentos e competências: [...] d) na Educação de Jovens e Adultos.

Sendo assim, investigar como o Estágio Supervisionado Curricular na Educação de Jovens e Adultos (EJA), sendo um componente curricular obrigatório no Curso de Pedagogia,

fortalece a formação inicial dos futuros professores/pedagogos, e pode ser um substrato importante para análises mais assertivas desta modalidade de ensino.

Para tal, escolhemos relacionar as práticas vivenciadas em um determinado curso de Pedagogia de uma faculdade privada do município de Ponta Grossa/ PR a partir de alguns recortes das discussões realizadas por Miguel Arroyo em seu livro *Outros Sujeitos, Outras Pedagogias*.

Essa opção teórica se deu, quando o autor questiona que outros sujeitos sociais se fazem presentes em ações coletivas e em movimentos. Até nas escolas/universidades chegam sujeitos outros que nunca chegaram. Trazem e exigem outras pedagogias (ARROYO, pg25, 2014). Este pensamento tão bem exposto, ao mesmo tempo em que reúne na palavra “sujeito” várias pessoas que ao longo de sua história de vida foram excluídas dos processos de escolarização, nos instiga a retomar as práticas de formação inicial e continuada do sujeito professor que neste momento histórico/social recebe este sujeito como aluno em suas salas de aula.

É neste movimento dinâmico de olhar, tanto, para quem é esse sujeito aluno que traz consigo suas experiências sociais, culturais e políticas, como, para o professor em processo de formação inicial que também traz esse mesmo cabedal de experiências, que analisaremos as vivências oportunizadas pela disciplina de Estágio.

2 Diálogos inquietantes

A distância entre as concepções teóricas estudada nos Cursos de Pedagogia e os sujeitos envolvidos nos processos escolares da EJA, é sentida na recorrência desta modalidade de ensino, em que o sujeito aluno permanece por vários anos sem obter sucesso de aprendizagem.

No entanto, essa distância vem diminuindo, pois, os silêncios estão sendo quebrados pelos sujeitos que estão adentrando no cenário educacional contemporâneo, mostram-se presentes, existentes, reagindo ao seu ocultamento, às formas de serem pensados e tratados, de serem subordinalizados nas relações de poder, de dominação (ARROYO, 2014). Esta reação reflete nas práticas pedagógicas, tanto do sujeito aluno, como do sujeito professor, neste caso pensando no responsável pela escolarização na EJA.

A chegada destes sujeitos nas escolas nos faz refletir quem são estes que estão hoje nas salas de aula da EJA? E essa reflexão nos oportuniza uma tomada de consciência de que eles fazem ou fizeram parte de uma camada da população que teve os seus direitos básicos

cerceados, que são homens e mulheres que foram excluídos pelo padrão de saber e pensar, que os inferiorizou diante das instituições sociais, uma delas a escola.

Vejam algumas formas de pensa-los e conforma-los às quais reagem os coletivos. Em suas ações às formas parciais, superficiais de sua classificação que ocultam os processos mais radicais de sua interiorização e segregação, como coletivos humanos. As categorias mais frequentes com que são vistos, sobretudo no pensamento sociopedagógico, têm sido: **marginalizados, excluídos, desiguais, inconsciente**. Formas de pensa-los e classifica-los que ocultam formas históricas mais abissais e sacrificiais de segrega-los (ARROYO, pg 40, 2014). (grifos do autor)

Pensar nestes sujeitos como marginais, é pensar que a educação como processo cultural e como fenômeno social, por um determinado tempo legitimou esta condição na vida de cada um desses sujeitos. Pois, tudo que é marginal vive a margem de algo, neste caso um indivíduo marginal vive a margem das questões sociais, culturais, políticas e educacionais de uma sociedade.

Este pensamento pode também ser analisado como a materialização de um determinado modo de produção de formação humana, cujo cerne, é a própria exclusão. Pois, mesmos estes marginalizados formam coletivos e juntos passam a compreender sua situação específica e estabelecer correlações entre o espaço que ocupam na comunidade/sociedade e o espaço que deveriam ocupar.

Este movimento de entender sua posição no espaço social, traz para os sujeitos, questionamentos sobre sua condição de vida, talvez ingênuos em um primeiro momento, mas que se tornam força motriz para a luta contra as desigualdades sofridas, também permite que não se percebam, nem como marginais e nem como excluídos, mas como sujeitos que buscam com seus coletivos contestar as políticas que reafirmam sua condição de desiguais.

Portanto, o processo de exclusão precisa ser superado não só na garantia de acesso aos bancos escolares, perpassa pela luta contra a iniquidade cognitiva, a qual precisa ser compreendida para além da distribuição mais equitativa do saber científico e do reconhecimento que toda experiência produz conhecimento (ARROYO,2011). Tal luta, inicia com a superação das segregações impostas pelos processos de ensinar impregnados de conhecimentos pobres em significados sociais, reafirmando a advertência de Boaventura Souza Santos (2008), que a injustiça social é acentuada pela injustiça cognitiva.

Neste sentido, podemos trazer para este diálogo outro pensamento, que esta injustiça cognitiva esteve presente nas Pedagogias praticadas com esses sujeitos, que historicamente foram processos para conformá-los e para educa-los na aceitação da condição de seus

coletivos, pois, Quijano (2005) explica que, o padrão de poder exige, implica um padrão de conhecimento, que obviamente este sujeito marginal, desigual não consegue apreender.

Nesta conjuntura é relevante ressaltar que:

Essas pedagogias não surgem soltas, nem como ideários da dinâmica interna do pensamento social e educacional do centro colonizador nem desta ou daquela tendência, deste ou daquele autor. Nem são importadas, frutos de corpos epistemológicos de fora como são narradas na história da Pedagogia. As formas de pensar a teoria social e educacional e as pedagogias em nossa história estão visceralmente atreladas às relações políticas e às formas específicas de pensar e conformar os coletivos sócio-étnico-raciais, de gênero, dos campos e periferias desde a empreitada colonial e continuando no ideário republicano. Nesse sentido carregam as marcas conformantes desses coletivos em nossa história econômica, social, política e cultural (ARROYO, pg 62, 2014).

Portanto, para se pensar em outras Pedagogias, é fundamental a superação dos ranços consolidados historicamente que validam um direito e um poder sobre o conhecimento destinados a alguns sujeitos sociais, bem como compreender a Pedagogia como construção de saberes praxilógicos que envolvem concepções teóricas, crenças e valores. A Pedagogia, neste sentido, é um espaço ambíguo já não de um-entre-dois, a teoria e a prática, mas, antes de um-entre-três, as ações, as teorias e as crenças, em uma triangulação interativa e constantemente renovada (FORMOSINHO, 2007). Pois, somente a articulação entre os saberes teóricos e algumas práticas educativas voltadas para esses outros sujeitos, não garantem uma mudança efetiva, é preciso ter crença, acreditar em suas potencialidades.

No entanto, não basta reconhecer a relevância desta ação, de pensar outras Pedagogias, para esses sujeitos, faz-se necessário buscar formas efetivas de atender aos diferentes estilos e ritmos de aprendizagens do aluno jovem e adulto, entendendo sua caminhada histórico cultural e assegurar a todos e todas um ensino com qualidade, por meio de práticas educativas ricas em significações sociais, que além de permitir a ampliação do capital cultural, interfira de forma imediata em suas vidas, provocando transformações reais.

3. Diálogos materializados

Diante das discussões realizadas anteriormente, trazemos para o debate uma experiência de formação de professores para futura atuação na EJA, a partir desse pensamento de que são necessárias outras formas de pensar o aluno sujeito da EJA, e oportunizar ao acadêmico/professor sujeito pensar os processos de ensino e aprendizagem a partir dos diálogos históricos e contemporâneos basilares para a atuação nesta modalidade de ensino.

Primeiramente, se faz necessário explicar que a Instituição de Ensino Superior (IES) escolhida para este relato, desenvolve a mais de uma década um processo de formação do acadêmico de Pedagogia voltado, também, para o ensino do aluno adulto matriculado nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Esse movimento permitiu refletir sobre o ementário prescrito e as práticas oportunizadas pelo curso.

As ementas analisadas foram as das disciplinas de Educação de Jovens e Adultos e a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado na Educação de Jovens e Adultos. Referente a primeira disciplina o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) apresenta seguinte ementa: Análise histórico-social do ensino de jovens e adultos na realidade educacional brasileira. Caracterização da clientela em face dos determinantes pedagógicos e sociais. A interdisciplinaridade e os procedimentos didáticos da ação docente. O adulto e suas dificuldades de aprendizagem. A construção histórica da EJA no Brasil: concepções e políticas. Os sujeitos e a especificidade do trabalho pedagógico.

A disciplina tem como objetivos compreender quem são os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) a partir de análises das condições sócio históricas dos motivos da baixa escolaridade dos alunos jovens e adultos, bem como conhecer e problematizar os processos de ensino-aprendizagem e as alternativas metodológicas na educação de jovens e adultos. É ofertada no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), com carga horária de 60 horas, no mesmo semestre da Disciplina de Estágio Curricular Supervisionado na EJA, tentando promover um diálogo entre as ementas.

As atividades propostas, no entanto, são frágeis na articulação com as experiências dos processos de ensino e aprendizagem do aluno jovem e adulto, oportunizadas pelo estágio na EJA. Essa afirmação é perceptível, pois, os textos disponíveis para a leitura condizem com o ementário apresentado e as existem atividades, questionários, fóruns, vídeos, que permitem uma reflexão e atendem ao conteúdo trabalhado pelos textos, porém, são fragmentados não permitindo uma associação de diálogos entre a teoria e as práticas das salas de aula da EJA observadas pelos acadêmicos.

Referente a organização da segunda disciplina analisada, a de Estágio Curricular Supervisionado na EJA, a ementa apresenta os seguintes conteúdos: relação teoria e prática na EJA. Análise do fazer pedagógico dos profissionais na escola/campo de estágio a partir das práticas desenvolvidas. Exercício da função docente na EJA através da caracterização do cotidiano escolar; observação, diagnóstico e participação nas atividades do campo de estágio; elaboração do projeto de estágio; execução do projeto de estágio; elaboração do relatório analítico; participação no seminário avaliativo. E como objetivo principal aponta o de

contribuir para que o acadêmico sistematize uma análise crítica a partir do confronto entre os conhecimentos e habilidades desenvolvidas no Curso de Pedagogia e as práticas escolares cotidianas da EJA.

Outro documento consultado para compreender a organização da disciplina de Estágio Supervisionado na EJA, foi o Regulamento do Estágio Curricular Supervisionado obrigatório para o Curso de Pedagogia, com base na resolução CNE/CP Nº 1 DE 15/05/2006, explicando em seu ART 02, que na Educação de Jovens e Adultos, as atividades de estágio ocorrerão no período da noite, nas turmas de EJA - Fase I - nas Escolas sob responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação ou em atividades afins que contemplem os alunos desta modalidade de ensino como oficinas, seminários integradores, apresentações de temáticas e /ou projetos que interessem ao público alvo da EJA.

Ainda neste documento foi percebido uma articulação com as rotinas e práticas educativas das salas de aula da EJA, a partir de processos de pesquisa, pois ao orientar as atividades de Estágio, no ART 04, são ressaltados procedimentos que indicam formas de observação e registro de encaminhamentos para a pesquisa em Educação. Vejamos algumas dessas orientações: a) ao descrever uma situação, evento ou experiência, o observador fala de como ele percebe. Assim, as observações que fazemos da realidade, são muito influenciadas por nossa história pessoal, levando-nos a privilegiar certos aspectos e negligenciar outros; b) para a construção de conhecimentos pedagógicos e científicos, bem como uma importante ação da atividade docente, o registro sistemático de observações, participações e experiências vivenciadas no campo de estágio, constitui o recurso básico para a sistematização da experiência prática, ou seja, a elaboração do Projeto, Planejamento e do Relatório do Estágio Curricular Supervisionado pelo estagiário; c) participação do estagiário em campo envolve a sua colaboração ativa no planejamento, realização ou avaliação dessas mesmas atividades. Com estas orientações aliadas a investigação de ações educativas, fortalece uma proposta, ainda tênue, de se integrar estágio e pesquisa na graduação proporcionando vantagens em outras experiências, conforme relata Vasconcellos, Berbel e Oliveira:

[...] o aprofundamento teórico; o contato com a realidade e a oportunidade de trabalhar com o concreto, com o real; a oportunidade de reflexão sobre a relação entre teoria e prática; a contribuição para a formação crítica e reflexiva; o desenvolvimento da capacidade de observação; o trabalho desenvolvido por etapas; e a verificação de que os saberes teóricos serviram de base, para a atuação prática VASCONCELLOS, BERBEL E OLIVEIRA (2009, p. 616).

Para validar este último pensamento, distribuimos entre os 47 acadêmicos que cursaram o Estágio Curricular Supervisionado na EJA, no segundo semestre de 2017, um questionário aberto com quatro perguntas objetivas e duas discursivas, algumas serão retratadas com o objetivo de refletir tanto sobre as experiências, como sobre as vivências oportunizadas por esta disciplina. Obtivemos um retorno de 44 questionários, os quais serão considerados para a apresentação de nossas análises

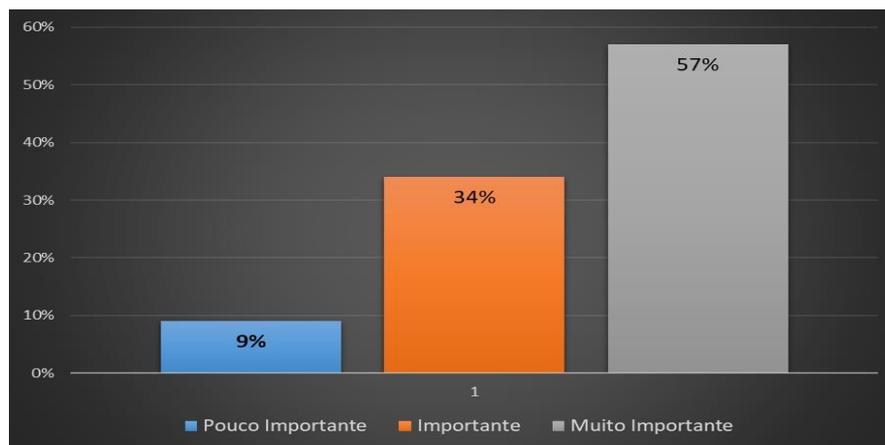


GRÁFICO 01: Grau de importância do Estágio Curricular Supervisionado na EJA na formação inicial dos professores segundo categoria acadêmica
FONTE: dados das pesquisadoras

O primeiro questionamento solicitou uma classificação da importância desta prática de Estágio na EJA no processo de formação inicial, e estabelecemos suas repostas como categoria acadêmica. Então, podemos afirmar que os acadêmicos conseguiram perceber a importância do Estágio na sua formação, pois como apresenta o gráfico 01, 57% dos participantes acreditam ser muito importante e 34% acreditam ser importante essa prática para sua futura atuação como professores.

Duas questões podem ser elencadas a partir desse resultado, a primeira é que as experiências das relações estabelecidas com os processos de ensino e aprendizagem dos alunos jovens e adultos se tornaram vivências constitutivas de sentidos para a formação profissional e a segunda é que ingenuamente os acadêmicos realizam o Estágio como uma tarefa obrigatória sem estabelecer relações mais específicas com etapas ou modalidades de ensino.

Outro questionamento que se tornou relevante para este estudo, abordou a percepção dos acadêmicos referente a coerência entre as práticas de ensino desenvolvidos pelos professores regentes de turma e a diversidade de ritmos de aprendizagem dos alunos adultos. Os resultados demonstram que os acadêmicos perceberam que as práticas docentes têm pouca

coerência com a diversidade de ritmos de aprendizagem dos alunos, como pode ser visualizado no gráfico 02.

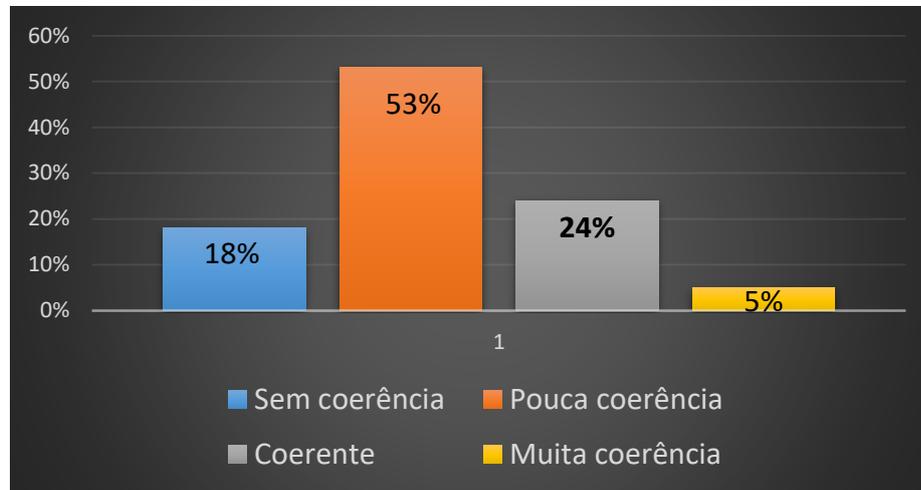


GRÁFICO 02: Percepção dos acadêmicos sobre a relação entre as práticas docentes na EJA e os ritmos de aprendizagem dos alunos adultos.
FONTE: dados das pesquisadoras

A representatividade dos 24% das respostas, coerentes, exposta pelo gráfico 02, é constituída por professores regentes que estão à ao algum tempo no trabalho com os alunos adultos, haja visto, que a Secretaria Municipal de Educação, diante de todos os problemas de política docente, não consegue manter o mesmo grupo de professores nesta modalidade de ensino.

A EJA precisa ter uma estrutura flexível e ser capaz de contemplar inovações que tenham conteúdos significativos. Nesta perspectiva, há um tempo diferenciado de aprendizagem e não um tempo único para todos. Os limites e possibilidades de cada educando devem ser respeitados; apresentar propostas de ensino viáveis a permanência e o sucesso do educando para que estudos estejam assegurados. Então, podemos afirmar que os acadêmicos conseguiram, ao menos, perceber que as práticas postas nas salas de aula observadas não condizem com as discussões propostas pelas duas disciplinas que envolvem esse público alvo.

Esta afirmação pode ser constatada também, na opinião registrada no último questionamento do instrumento de investigação: Qual o papel do Estágio Curricular Supervisionado na EJA em seu processo de formação inicial? As respostas retrataram em sua maioria, um comprometimento com a dinâmica proposta pela disciplina, também uma nova forma de entender a EJA e os seus processos de ensino e aprendizagem. Porém destacamos três respostas que legitimaram o que está sendo discutido neste estudo. Para organizar a reflexão, denominamos acadêmico A, acadêmico B e acadêmico C. Vejamos:

Acadêmico A: O Estágio na EJA foi muito gratificante porque ao conhecer a vida dos alunos da turma me identifiquei, porque a história é muito parecida com a minha própria vida, as mesmas dificuldades. E saber que estou num curso de Pedagogia já, me fez acreditar que posso mudar algo na vida deles.

A fala do acadêmico A, é muito expressiva para retomarmos a discussão de que outros sujeitos estão chegando aos processos de escolarização, e como este movimento está exigindo outras formas de pensar e implementar processos de ensinar e aprender, independentemente da faixa etária e de suas condições sócio-culturais. Essa identificação entre o estagiário e o aluno da EJA, sobre suas histórias de vida, legitima outro pensamento, de que é preciso acreditar na superação das fragilidades impostas a esses sujeitos pela valorização dos processos de escolarização de cada um deles a partir de uma Pedagogia formadora que se contrapõe à histórica exclusão desses espaços, instituições de produção do conhecimento e da existência. Pedagogias que se contrapõem às pedagogias que conformaram esses coletivos como inexistentes, sem lugar, sem território, sem instituições públicas, sem-escola, sem-universidade, sem-teto, sem-terra (ARROYO, 2014).

Acadêmico B: O estágio proporcionou uma discussão diferente da que estamos tendo no curso, voltado só para crianças. O estágio foi muito importante na minha formação porque o que discutimos com a professora referente a textos, e discussões e estudos sobre a EJA, auxiliou na observação participativa e nas intervenções pedagógicas nas salas de aula.

Nesta fala, outro ponto central para pensar os processos de formação inicial dos futuros professores, a articulação dos conhecimentos teóricos e empíricos, precisam ser experimentados durante a realização do Curso, para que as vivências sejam constitutivas de novos saberes, e estimuladoras de nossas crenças, para que a uma nova praxiologia educacional nasça em nossas escolas, e garanta a redução das diferenças educacionais e culturais. A disciplina de Estágio Supervisionado Curricular tem esta característica de ser articuladora entre saberes, no entanto, o diálogo ainda é tímido, suprimido a este espaço da disciplina. Ampliar esses diálogos entre as demais disciplinas no Curso é necessário para a busca de uma outra Pedagogia, voltada para formação integral do profissional que formará os novos sujeitos.

Acadêmico C: O Estágio na EJA foi uma parte da formação muito interessante, porque pudemos conhecer um pouco esta modalidade de

ensino, porém acredito que não foi suficiente para que pudéssemos perceber os resultados dos trabalhos dos professores na vida dos alunos.

O acadêmico C, percebe então, um grande fragilidade da disciplina, e também do Curso de formação inicial, pois a organização dos tempos para as atividades acadêmicas nem sempre são basilaros nas demandas de formação, mais sim do cumprimento da matriz curricular abrangente da Licenciatura em Pedagogia, que em inúmeros casos é elaborada sem refletir qual o perfil do egresso se quer formar e em que espaço esse egresso irá atuar. Em consequência, tem os processos de formação aligeirados e muito rasos.

Ainda, que esta análise não seja tão profunda, a formação inicial de professores para trabalhar com a EJA, ficou evidenciada neste Curso como um caminho que está sendo construído e que ganha espaços nas discussões relevantes dos processos de profissionalização dos professores.

4 Considerações

Ao investigar o Estágio Supervisionado Curricular na Educação de Jovens e Adultos (EJA), como um componente curricular obrigatório no Curso de Pedagogia escolhido, ficou evidente a oportunidade de diálogo entre os aspectos que constituem esta modalidade de ensino, como reflexo temos fortalecimento da formação inicial dos futuros professores/pedagogos, mesmo que este processo de caracterize tênue, ele já iniciou e nos permite algumas considerações.

Trazer para discussão quem são os novos sujeitos que estão adentrando aos espaços escolares, independente da faixa etária, mas respeitando os processos de exclusão sofridos por estes, é estopim para pensar que professores estão sendo formados pelos Cursos de Pedagogia? Que currículo está posto ou imposto para este processo de formação? Essas inquietações são pertinentes neste espaço de conclusões, pois quem irá efetivar realmente outras Pedagogias são esses sujeitos, agora acadêmicos.

Neste estudo foi possível perceber que o tanto, os ambientes escolares, como os universitários não oportunizam o desenvolvimento de outras Pedagogias, pois a experiência aponta a articulação entre o Estágio Supervisionado Curricular na EJA com o cotidiano das salas de aula dos alunos jovens e adultos, não tem dialogo com as demais disciplinas e vivencias oportunizadas para os acadêmicos, o que de certa forma não contribui para a formação integral desde futuro profissional.

Diante da conjuntura exposta, se torna urgente que o Curso de Licenciatura em Pedagogia, que forma esses sujeitos, efetive também com eles novas Pedagogias formadoras, que oportunizem pensar e elaborar novos modelos pedagógicos, com formações em contextos, baseados em comunidades de práticas, que permitam recriar uma nova cultura profissional e uma epistemologia de prática congruentes (FORMOSINHO, 2007). Superando o academicismo em que a lógica dos saberes constitui-se em critério único, o empiricismo em que a experiência primária do cotidiano, não ampliada, traduz-se em referência central (FORMOSINHO, 2007).

E, ao pensar nos sujeitos acadêmicos desse Curso de Pedagogia, em seu capital cultural, suas histórias de vida, seus processos formativos, ainda é, possível questionar quanto sua profissionalização corrobora para o entendimento que, ao mesmo tempo em que ocupa um espaço de sujeito formador, ele foi, em muitos casos, o sujeito excluído, marginalizado e que agora a partir de suas práticas pedagógicas precisa contribuir com a superação desses processos de exclusão social e educacional.

Referências

ARROYO, M. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2014.

ARROYO, Miguel Gonzáles. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia**, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp05_05.pdf>.

QUIJANO, a. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Edgardo (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires, Colección Sur Sur, 2005a, pp.118-142.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. **Pedagogias da infância: dialogando com o passado: construindo o futuro**/Julia oliveira Formosinho, Tizuko Morchida Kishimoto, Mônica Apezato Pinazza, organizadoras.- Porto Alegre: Artmed, 2007.

SANTOS, B. V. S. **Um discurso sobre as ciências** Santos. 5. ed. - São Paulo: Cortez, 2008.

VASCONCELLOS, Maura Maria Morita; BERBEL, Neusi Aparecida Navas; OLIVEIRA, Cláudia Chueire. **Formação de professores: o desafio de integrar estágio com ensino e pesquisa na graduação**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 90, n. 226, p. 609-623, set./dez. 2009.